

The background of the cover is a dark teal color. In the center is a stylized illustration of a ram's head in black silhouette. A vertical element, resembling a stylized plant or a ceremonial object, runs through the center of the ram's face. It has a bulbous top with pink and black segments, a narrow neck, and a wider, flared base with pink and black segments. The ram's large, curved horns are decorated with teal and yellow concentric lines. The entire central illustration is surrounded by intricate, swirling yellow lines that fill the upper half of the cover.

NATALIE
HAYNES

CONTRA
ESTA
CASA

AUTORA FINALISTA DO WOMEN'S PRIZE FOR FICTION

Para Maria, com amor

Lista de Personagens

Iolcos

Alcímede, mãe de Jasão, casada com
Éson, rei deposto de Iolcos e irmão de
Pélias, rei de Iolcos, pai de filhas
Ifias, sacerdotisa de Ártemis

O Argo

Muitos heróis, incluindo
Jasão, o capitão do navio
Héracles, um membro da tripulação
Hilas, um tripulante jovem e relutante
Zetes, filho de Bóreas, o vento norte, irmão de
Calais, outro membro da tripulação
Eufemo, um tripulante com mãos rápidas
Tífis, o timoneiro do navio

A Ilha de Lemnos

Muitas mulheres, incluindo
Eione, uma lémnia, vizinha de
Eunea, outra lémnia
Hipsípila, rainha de Lemnos, filha de

Toante, antigo rei de Lemnos
Polixo, ama e conselheira da rainha
Ifinoé, amiga de infância de Hipsípila
Alcipe, trácia capturada
Menipe, trácia capturada

Os que foram encontrados (ou evitados) na continuação da viagem

Cleite, inesquecível rainha dos doliões
Náiades, ninfas que gostavam de árvores
Fineu, um profeta que deveria ter sido mais sensato
Peleia, termo grego para «pomba»
Simplégades, rochedos colidentes, um perigo dos mares
Fílis, uma ninfa que vive num lugar seguro
Teófane, uma jovem raptada por Poseidon, que amava
Crisómalo, o filho dela
Ino, segunda mulher de
Atamante, pai de
Hele e Frixo, filhos de
Nefele, deusa das nuvens
Circe, feiticeira e deusa, tia de Medeia
Arete, rainha dos feácios, mulher de
Alcino, rei dos feácios

Cólquida

Eetes, rei da Cólquida, pai de
Medeia, a sua filha mais nova, uma poderosa feiticeira, e
Absirto, o irmão mais velho dela, e
Calcíope, a irmã mais velha de ambos, mãe de
Argos, Melas e Frontes
Neaera, rainha da Cólquida, pelo menos em título, e mãe de Calcíope,
Absirto e Medeia

Corinto

Creonte, rei de Corinto, pai de

Glauce, princesa de Corinto

Egeu, rei de Atenas, de passagem

Divindades

Ártemis, deusa da caça e dos lugares inexplorados

Afrodite, deusa do amor, casada com

Efesto, artesão dos deuses

Eos, deusa da aurora, casada com Titono

Harpías, deusas aladas que roubam, irmãs de

Íris, deusa do arco-íris

Poseidon, deus do mar

Erato, musa da poesia romântica

Hera, rainha dos deuses

Atena, deusa da sabedoria e da estratégia

Eros, filho de Afrodite

Héli, deus do Sol

Hécate, deusa ctónica da feitiçaria

Selene, deusa da Lua, também conhecida como Mene, amante de

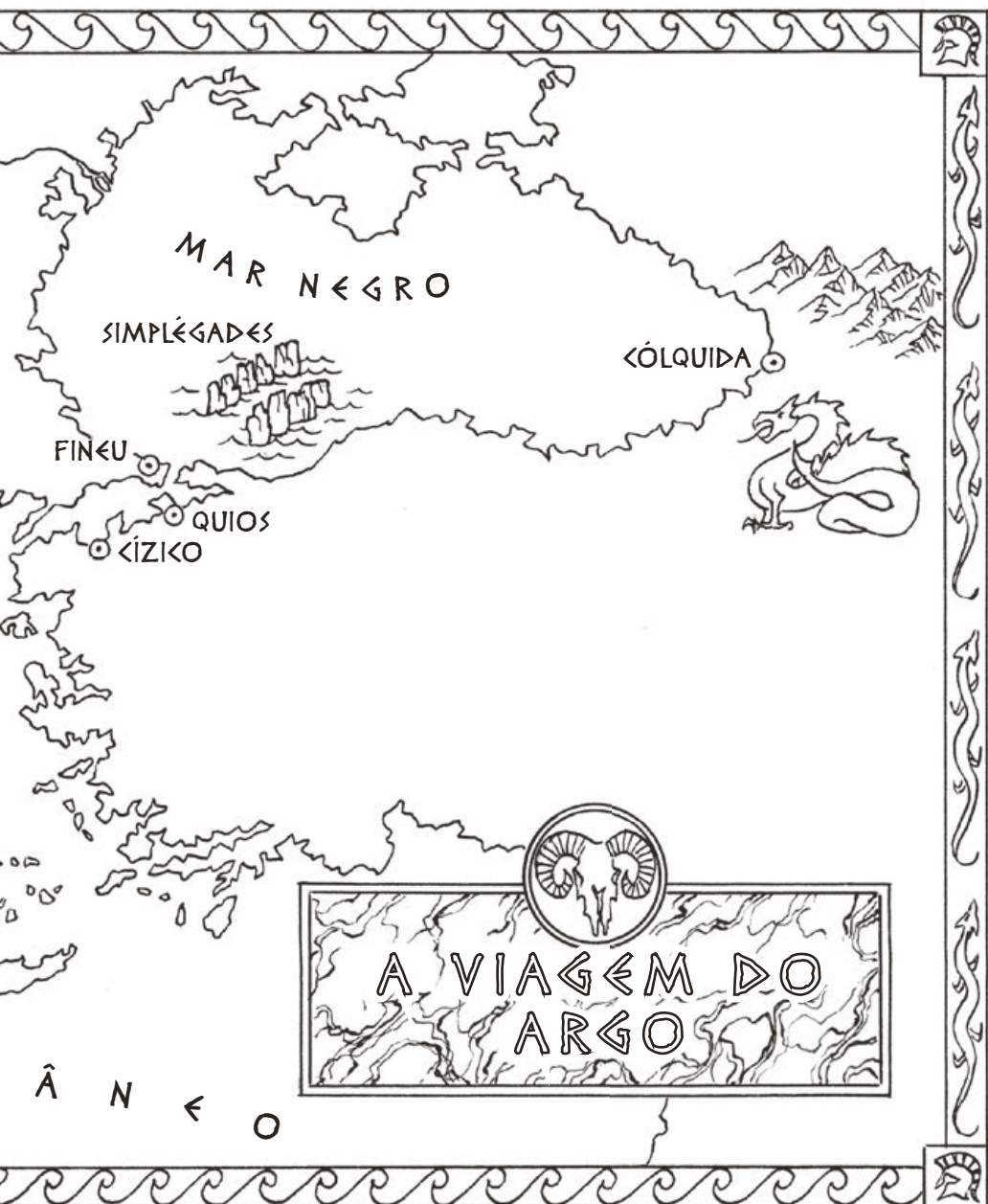
Endimião, um belo homem adormecido

λέγουσι δ' ἡμᾶς ὥς ἀκίνδυνον βίον
ζῶμεν κατ' οἴκους, οἱ δὲ μάρνανται δορί,
κακῶς φρονοῦντες· ὥς τρις ἂν παρ' ἀσπίδα
στῆναι θέλοιμ' ἂν μᾶλλον ἢ τεκεῖν ἄπαξ.

*Dizem que vivemos em casa uma vida sem risco, enquanto
eles combatem com lanças. Que tolos: eu preferiria colocar-me
mil vezes atrás de um escudo a ser mãe uma vez só.*

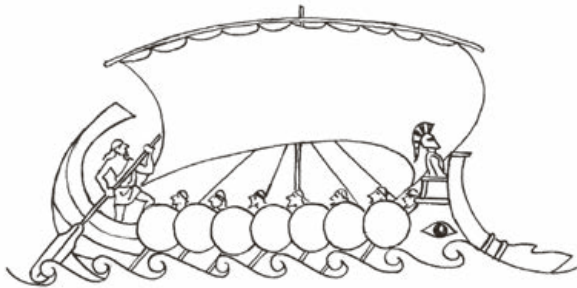
Eurípides, *Medeia*, 248 – 251





Primeira Parte

A Viagem do Argo



Argo

Se ao menos se tivesse afundado nas profundezas do mar

A culpa, na verdade, não foi do *Argo*.

Era o tipo de coisa que se dizia naquela época: se não havia ninguém para culpar, apontava-se para o navio. Mas Jasão não pôs os seus argonautas a remar pelos oceanos por ser o capitão do *Argo*; os homens construíram o *Argo* porque Jasão queria encontrar o velo. Portanto, se estivéssemos a tentar encontrar o início desta história, era para aí que nos voltaríamos: para a cintilante suavidade do carneiro de ouro. Escolheríamos o dia em que nasceu? Ou o dia em que apareceu na Hélade para salvar duas crianças prestes a perder a vida?

Começaremos, em todo o caso, no local de onde o navio zarpou.

Alcímede

em vez de seguir caminho

Alcímede nunca fora uma mulher afortunada, e dizia-o a quem a quisesse ouvir. Naturalmente, reconhecia que, para os outros, poderia parecer que fora muito afortunada, pois casara, ainda jovem, com Éson, o filho mais velho do envelhecido rei de Iolcos. E esse era o tipo de coisa por que as raparigas rezavam: quando eu crescer, Hera, por favor, deixa-me casar com um rei, como tu fizeste. E as preces de Alcímede quase se tinham tornado realidade. O filho mais velho de um rei, a seu tempo, viria a ser rei, pelo que ela só teria de esperar.

Talvez tivesse sido esse o seu erro. Insensatamente, pensara que as Moiras lhe haviam concedido um destino feliz: o velho morreria e ela tornar-se-ia rainha. E um outro ingrediente para a sua felicidade era o facto de Éson ser um homem brando e gentil que nunca levantava a voz ou tentava ganhar uma discussão. O pai de Éson emitia decretos ocasionais e ele deixava que a mulher tomasse decisões sobre tudo o resto. Esta realidade servia bem a Alcímede, pois era filha única e nunca aprendera a vergar-se a ninguém. Além disso, eram ambos ainda muito jovens: o marido tinha ainda muito tempo para se tornar dominador e inflexível.

Quando o velho rei morreu, Alcímede chorou em público e rejubilou em privado. Não sentiria a falta do velho tirano

e duvidava de que alguém fosse sentir. E apreciaria ver o filho mais novo do monarca, Pélias, perder influência, enquanto ela a ganharia. A casa real passaria a ter um rei e uma rainha, como era suposto. Mais tarde, diria frequentemente aos amigos e — depois de estes terem deixado de a ouvir — aos escravos que aquela fora a última vez que se sentira feliz.

Como veio a descobrir, não era a juventude de Éson que o tornava fraco. Era a natureza dele. E Pélias sabia-o desde a infância, desde a primeira vez que pegou numa roca de brincar que pertencia ao irmão e ficou com ela. Viu então como Éson tentava recuperar o pequeno cão de barro; gritou e berrou até o irmão se afastar. Nunca esqueceu a rapidez da desistência do irmão, mesmo tratando-se de algo que queria muito. A infância dos irmãos ensinou a Pélias uma lição simples: não havia nada que Éson quisesse tanto quanto ele queria tudo.

Assim, Pélias apoderou-se do trono de Iolcos. Não pediu — ou propôs — a partilha do poder, decidindo simplesmente tomá-lo para si. E Éson permitiu-o, pois não sabia que outra coisa haveria de fazer ou como se lhe opor. Esperar-se-ia que recorresse às armas contra o próprio irmão? Algum dos seus cidadãos desejaria uma guerra civil? Não seria melhor deixar que Pélias ficasse com o que tão ardentemente ambicionava e evitar o derramamento de sangue?

Alcímede nunca perdoou nem ao cunhado nem ao marido a desgraça de ter sido expulsa do palácio quando estava grávida, sem que Éson tivesse feito algo além de aceitar a degradação do estatuto de ambos. Se não pelo seu próprio futuro, não lutaria ele pelo do filho, perguntavam as mulheres de Iolcos. E os seus maridos e irmãos deram todos a mesma resposta: Éson nunca lutaria por nada.

E, deste modo, a cidade passou a ter Pélias como rei: um homem irascível que via as suas próprias ambições escondidas atrás dos olhos de todos os outros homens. Se Alcímede tivesse sido capaz de ver a situação de forma desapassionada, teria percebido que, apesar de Pélias ter roubado o reino ao irmão, tal só lhe trouxera infelicidade. Pélias enviava mensageiros ao oráculo para

tentar desmascarar conspirações contra si, mas depois mandava-os de volta com as mesmas questões porque não confiava nas respostas. Este rei ilegítimo continuava a ser o que sempre fora: um homem ansioso e quérulo.

As parteiras ficaram nervosas quando ele teve uma filha, depois duas, depois três: ninguém queria levar más notícias a um rei. No entanto, o nascimento das filhas foi uma das poucas partes da vida de Pélias que não o deixaram zangado. Filhas haveriam de cuidar dele quando envelhecesse, sem jamais ameaçarem o seu reinado. Se tivesse sido amaldiçoado com um filho, este não teria sobrevivido à infância. O sobrinho — uma criança que se transformava em homem a uma velocidade assustadora — era quase igualmente indesejado.

Neste contexto, Alcímede teve o seu segundo infortúnio, disfarçado de boa sorte. Apesar das grandes decepções que sofrera, a sua gravidez foi saudável. E deu à luz um filho igualmente saudável, que todos diziam ser parecido com o pai. Mas então os deuses puseram um fim cruel à sua família. O que fizera ela para ofender Ilítia, a deusa do parto? Dirigia esta pergunta repetidamente a qualquer pessoa que a ouvisse, embora ninguém lhe conseguisse dar uma resposta, exceto Éson, que lhe perguntava se um filho saudável não lhes bastaria.

E, com efeito, não bastava, pois nele residia a terceira partida cruel que as Moiras haviam pregado a Alcímede. Apesar de tudo o que ela lhe transmitira em menino, o filho estava determinado a ser um herói. E como as mulheres de Iolcos eram todas tolas, deslumbrando-se com a mera ideia de aventuras, Alcímede nem sequer podia partilhar com elas a sua dor. Era-lhes fácil pensar que uma expedição restauraria a honra da sua família, mas Alcímede não sentia o mesmo. Só lhe fora concedido um filho, e este preocupava-se tão pouco com ela que partiria num barco não testado sem sequer pensar em quem tomaria conta da mãe durante a sua ausência.

Como era previsível, Éson de nada servira — mais uma vez — quando Pélias fizera o seu cruel anúncio. Pouco tempo antes, o rei

declarara que Iolcos precisava de um velo de ouro, um artefacto mágico de muito longe, do outro lado do mar. Pélias pouco mais sabia sobre ele: era uma espécie de presente de uma deusa para os filhos, não era? A sua beleza e poder eram lendários, constando que traria riquezas a qualquer terra que o possuísse. Mas Pélias já era rico e não precisava de artefacto algum. O que tornava o velo particularmente desejável era o facto de estar muito longe e de ser difícil de alcançar, através de mares bastante perigosos.

Não tardou a haver um construtor naval e uma tripulação. Homens oriundos de toda a Grécia voluntariaram-se para fazer parte desta grande expedição. Pélias mal conseguiu conter o sorriso afetado quando o mensageiro lhe disse que Jasão — o sobrinho do rei — esperava deixar os pais e o tio orgulhosos ao liderar tal viagem. Pélias não queria necessariamente que Jasão morresse, embora não se perturbasse com tal desfecho. Desejava apenas que o sobrinho — e qualquer outro homem que pensasse ter direito a algo que ele considerava seu — deixasse o reino para nunca mais voltar. Regressar era coisa que, naturalmente, a tripulação daquele navio não lograria, ao empreender uma tarefa tão grandiosa. A humilhação do fracasso afugentaria os que a morte não apanhasse.

E assim, numa luminosa manhã de primavera, Alcímede contou todo um novo leque de infortúnios enviados pelas Moiras para atormentar. Jasão fora despedir-se da mãe e tentar consolar o pai, que caíra de cama meses antes, quando a viagem fora inicialmente sugerida. Alcímede ainda tinha esperança de dissuadir o filho de viajar. Como poderia ele abandoná-la desta maneira? Melhor seria se ela tivesse morrido antes de ficar sem quem a ajudasse a cuidar do pai dele.

Jasão tentou apaziguar Alcímede, argumentando que não tardaria a regressar a Iolcos e prometendo-lhe que traria o velo de ouro para provar o seu valor. Deixá-la-ia orgulhosa, tinha a certeza disso. Mas a mãe já se habituara à desilusão antes mesmo do nascimento de Jasão. Não havia agora maneira de a convencer.

Ifias

rumo à terra da Cólquida

As palavras que Ifias deixou por dizer teriam movido o céu e separado o mar.

Na noite anterior, estivera diante do altar de Ártemis, protetora da sua cidade, a murmurar uma discreta oração. Além da estátua, mais ninguém se encontrava no santuário àquela hora. Ártemis erguia-se acima de Ifias, com o pé esquerdo assente no plinto e o pé direito para trás, de calcanhar levantado. As tiras douradas das sandálias e a bainha dourada do vestido brilhavam à tremeluzente luz de tochas. A deusa tinha uma expressão serena e uns quantos fios de cabelo soltavam-se-lhe da trança. Havia algo naquela pose, na forma como Ártemis fora capturada a meio de um passo largo, que fazia sempre com que Ifias se sentisse inquieta, como se também ela estivesse no início de uma viagem. No entanto, quando a sacerdotisa tirou um fio de cabelo branco da sua túnica, lembrou-se de que não teria quaisquer viagens pela frente.

Ifias sorriu para a Lua enquanto percorria o santuário, verificando se tudo estava em ordem. Ártemis ficava sempre mais perto de si quando a Lua estava cheia. Todavia, quando voltou a olhar para as sombras que a rodeavam, as visões surgiram-lhe de repente, brilhantes e terríveis: imagens do jovem que planeava

zarpar no dia seguinte. Viu provas mortais diante dele, breves clarões de horror, como se estivesse a olhar para um céu escuríssimo, iluminado por súbitos relâmpagos. Ifias rezou por orientação, mas a deusa esperou até que ela adormecesse para lhe transmitir a sua mensagem num sonho.

Ifias sentiu a fadiga nos joelhos ao dar graças na manhã seguinte. Não obstante, por mais cansada que estivesse, a sacerdotisa tinha a força necessária para realizar a tarefa. Tudo o que precisava de fazer era esperar pelo momento certo. E sabia que esse momento estava a chegar, uma vez que, à medida que os homens tratavam dos últimos preparativos em torno do navio, não se falava de outra coisa na cidade. Todos os que passavam pelo templo traziam mais um fragmento de notícias, e Ifias mantinha-se nos amplos degraus de mármore.

Pressentia a tensão que se alastrava pela cidade enquanto os homens se preparavam para zarpar e as mulheres para sofrer, mas não a partilhava. A missão impossível dos homens tornar-se-ia possível assim que recebessem o conselho de Ártemis. A sacerdotisa observava a rua que se enchia de gente desejosa de ver o *Argo* partir do seu porto seguro. O testemunho do dia seria algo para contar a filhos e netos incrédulos. E, onde havia espetáculo, havia comerciantes a vender comida, oferendas, amuletos para dar sorte aos marinheiros ou àqueles que eles deixariam para trás.

O burburinho começava a aumentar, levando Ifias a deduzir que Jasão saíra da casa dos pais e caminhava em direção ao porto. Em breve, passaria mesmo à frente do templo: ela já o vira, no seu sonho. Desceu apenas um degrau, querendo estar mais perto do trajeto para se fazer ouvir, mas sem perder a posição estratégica.

Todavia, quando Jasão contornou a última curva da rua antes de a alcançar, a multidão agitou-se e um súbito alvoroço afastou a velha sacerdotisa do templo. Jasão tornara-se um homem muito bonito, pensou Ifias, apressando-se a acompanhar a multidão para evitar perder o equilíbrio. Não havia como negá-lo.

Até Ártemis olharia para ele com agrado: parecia-se com o seu gêmeo, o Sol da sua Lua. Ifias sentiu-se puxada na direção dele e depois seguiu-se o momento da ligação, quando os olhos de ambos se encontraram.

A sacerdotisa sentiu a centelha do reconhecimento. Sabia que Jasão a vira e que queria discutir os seus planos. Contudo, no momento em que abriu a boca para falar, o turbilhão de pessoas voltou a mover-se e ela foi ficando para trás, à medida que ele se afastava. Sentiu-se tonta e alheada, como se tivesse estado acordada durante os sonhos e agora sim dormisse. Quase caiu, mas duas sacerdotisas mais jovens viram a sua dificuldade e correram para a ajudar.

— Tíneis algo para lhe dizer? — perguntou uma delas.

Ifias demorou uns instantes a ouvir as palavras e a perceber o que a rapariga lhe perguntara.

— Podíamos enviar um mensageiro — disse a outra. — Ou levarmos nós a mensagem.

Ifias percebia o entusiasmo nos rostos delas, mas não era capaz de se lembrar do que poderia tê-lo gerado. Tinha uma mensagem para alguém, isso sabia. Estava prestes a falar, mas depois não o fez. E foi tudo o que conseguiu recuperar, pestanejando para afastar as lágrimas provocadas pela luz forte do final da manhã. Nunca mais se lembraria das palavras que Ártemis lhe transmitira ou da forma como Jasão a vira e passara por si sem parar para se despedir da deusa ou da sua sacerdotisa. E a deusa não teria qualquer papel na expedição de Jasão, uma vez que ele a ignorara daquela forma.

Há homens que nascem para serem os favoritos dos deuses — ou, pelo menos, para parecerem que o são, durante algum tempo.

Afrodite

entre as negras Simplégades

Afrodite, do alto do seu rochedo em Pafos, olhava para o mar de Chipre. Não era de estranhar que para ali fosse sempre que algum dos deuses a irritava. Enquanto o Sol dançava nas ondas cintilantes, sentia uma espécie de inveja por haver algo tão belo além dela. As Graças preparavam-lhe a água do banho e isso deixava-a satisfeita. Com a pele oleada e num vestido novo, talvez se sentisse menos irritada. Passou a língua ao de leve pela parte de trás dos dentes, pois era essa a única maneira que conhecia de exprimir raiva sem afetar a forma da sua boca perfeita. Mas já não conseguia conter a Fúria: como poderia alguém ter a «insensatez» — gritou a palavra para a brisa suave — de a negligenciar? Como?

Ficava ressentida quando se tratava do marido, sempre a deixá-la para ir fazer... Deteve-se por um momento. Armaduras? Pontas de lanças? O que quer que fosse que ele fizesse. Pouco importava, porque, caso ele não as produzisse, alguém o faria. Os homens precisavam sempre de ferramentas para ferir. E o mesmo acontecia, supunha ela, com os outros deuses. A glória etérea com que sorriu foi tal que ninguém se atreveria a identificar o seu sorriso como trocista. Todavia, a satisfação que o gerava era inteiramente dirigida a si mesma. Ela era capaz de destruir um homem ou

incapacitar um deus usando tão-só os desejos deles, que controlava como se seus fossem. Comparadas com o anseio ou o companheiro deste, o desespero, as armas pareciam-lhe uma forma muito desajeitada de tomar uma vida.

Assim alimentava Afrodite a sua irritação, deixando-a crescer. Era certo que por vezes Hefesto a enchia de raiva, mas naquele dia nada fizera em particular para a contrariar e, por isso, não o castigaria. Ouviu então um par de ostraceiros a tagarelar na costa lá em baixo, mas as aves jamais a tinham insultado, pelo que não interferiria no seu ritual de acasalamento. Não, só os homens conseguiam ser tão ofensivos, tão provocadores. Fez uma pausa enquanto se lembrava de algumas das muitas e distintas formas de vingança que adotara contra os homens ao longo dos anos. Sorriu de novo ao ver os corpos que quebrara e as vidas que destragara. Nenhum campo de batalha poderia ser mais sangrento do que o seu, sem nunca haver disparado sequer a mais pequena flecha.

Mesmo assim. Mais uma vez, sentiu a raiva a crescer. Mesmo assim, os homens nada tinham aprendido com tais lições, tão gentilmente oferecidas por esta deusa poderosíssima. Teriam eles olhado para a destruição dos ímpios e jurado viver vidas melhores? Talvez o tivessem feito, mas, nesse caso, além de blasfemos, eram também perjuros. De facto, ali estava ela, incapaz de desfrutar do seu banho porque não parava de pensar nas pessoas indesculpáveis de uma pequena ilha no mar da Trácia. Até àquele dia, tivera dificuldade em recordar o nome da ilha, mas faria uma promessa aos habitantes de Lemnos, e cumpri-la-ia mais cedo do que eles imaginariam ser possível. Arrepende-se-iam de a ter insultado.

Arrepende-se-iam de ter construído os seus templos a Zeus, a Hera, a Ártemis e a Apolo, claro. Era natural que tivessem construído um a Poseidon, pois passavam grande parte das suas miseráveis vidas no mar. Tinham, porém, dedicado o maior templo a Hefesto, o que só intensificava a ferroadada. Ignorá-la, à deusa cujo

favor todos desejavam? Abanou a cabeça e os seus belos cabelos brilharam ao sol. Dera-lhes tempo suficiente para corrigirem o erro catastrófico e para implorarem pelo seu perdão. E tinham-no eles feito?

Se tivesse sido um santuário dedicado a Deméter, talvez pudesse ter permitido que alguns deles vivessem. Os mortais precisavam de uma boa colheita, supunha ela. Mas fora um templo a Atena que haviam decidido construir a seguir. Atena! E mesmo isso ela poderia ter ignorado se as mulheres lhe tivessem rezado. Em algumas circunstâncias, poderia ter deixado os homens em paz se as suas mulheres lhe houvessem implorado. Mas as mulheres de Lemnos não tinham feito nada. Nenhum templo, nenhum santuário, nenhuma oferenda. E ela dificilmente poderia ignorar tal desrespeito.

Arqueou os dedos da mão esquerda e examinou as unhas, que se assemelhavam a conchas. Não havia nelas qualquer vestígio de imperfeição. Um chamamento melodioso transmitiu-lhe que as Graças tinham preparado o seu banho, e ela levantou-se e afastou-se do mar. Quando o seu olhar recaiu sobre os jarros de água perfeitamente aquecida, as pilhas de roupa lavada e os frascos de perfume inebriante, sorriu. Sim, claro. Não haveria melhor maneira de castigar o povo de Lemnos.

Eione

*se ao menos os pinheiros das encostas do monte Pélion
nunca tivessem sido abatidos*

A maioria das mulheres considerava que o pior de tudo era não saber se os homens estavam a dizer a verdade. No entanto, para Eione — embora mais tarde acenasse com a cabeça em concordância com as outras, escondendo a sua dor particular atrás da vergonha coletiva —, a pior parte não era de modo algum a incerteza. Isso surgira logo no início, com a repulsa que atravessou o rosto do marido quando ela se virou para ele certa manhã, como sempre fazia. Contava ser abraçada, com o queixo dele pousado sobre a sua cabeça. Todavia, em vez de a abraçar, ele afastou-se com um esgar. Eione abriu a boca para perguntar o que se passava, mas depressa mudou de ideia. Talvez ele estivesse em sofrimento e, nesse caso, certamente lhe contaria em breve o que se passava. Ainda assim, apesar de nunca ter visto tal expressão no rosto do marido, reconheceu-a de imediato. Não era dor o que testemunhara. Era aversão.

Teve vontade de falar com as irmãs sobre o assunto, mas, quando se encontrou com elas mais tarde nesse dia, percebeu que não o conseguia fazer. Havia algo de errado entre elas, estando as quatro irritadas e numa postura defensiva. Normalmente, Eione mantinha a paz fraterna, mas estava demasiado perturbada para intervir, pelo que falaram sobre coisas que não lhes interessavam

e regressou a casa tão ansiosa como dela saíra. E a sua preocupação aumentou ainda mais ao encontrar a casa vazia. Os homens preparavam-se para um novo ataque a uma cidade costeira da Trácia, o quarto desde que os mares tinham acalmado no final do inverno. No entanto, ele certamente não partiria sem nada dizer. Eione queria ir ter com as vizinhas e perguntar-lhes se os maridos delas também tinham desaparecido, mas sentiu-se corar só de pensar como poderia colocar a questão. E se os maridos delas estivessem alegremente sentados em casa, a comer pão e queijo de ovelha, e a olhassem fixamente enquanto ela balbuciava a pergunta?

Em todo o caso, ele poderia regressar a qualquer momento. Talvez tivesse ido dar de comer às galinhas e um velho amigo tivesse chegado inesperadamente. Eione começou a andar pelas divisões da casa, incapaz de se acalmar e sem saber se devia preparar a comida ou esperar. Quando as sombras no chão se tornaram mais longas, percebeu que tinha fome e foi ver se as galinhas tinham posto ovos. Ao sair, começou a pestanejar devido à forte claridade e quase pisou uma das aves.

— Porque é que estás aqui ao pé da porta? — perguntou à galinha, mas esta limitou-se a piscar os olhos. Ao aproximar-se do galinheiro, as três aves correram na sua direção, cacarejando num tom de urgência. Eione franziu o sobrolho. — Ele não vos deu de comer? — perguntou-lhes. — Têm fome?

Subitamente, teve uma visão de si própria como viúva, uma mulher enlouquecida pela solidão, a falar com as suas galinhas e à espera de resposta. Havia um pequeno depósito de cereais ao lado da casa e, por isso, respondeu à sua própria pergunta e foi encher uma pá de ração. O cacarejo subiu de intensidade e Eione espalhou a comida pela terra seca e castanha. Estáfilo par-tira sem sequer alimentar as suas aves. Tentou lembrar-se de alguma vez em que o marido — um homem geralmente tão bondoso — tivesse deixado animais por alimentar. Abanou a cabeça, como se isso fizesse afastar a forma como a palavra lhe enchia

os olhos e os ouvidos: nunca, nunca, nunca. Enquanto as galinhas comiam o milho com silenciosa satisfação, Eione recolheu três ovos e virou-se para tornar a entrar em casa. Esforçou-se por ouvir vozes vindas das casas vizinhas, mas não havia nada, nem sequer o choro de um bebé.

*

Ao pôr do sol, ele ainda não tinha regressado. Eione fizera sopa de legumes, mas comeu sozinha, com uma só vela a tremeluzir para ver o parco jantar. Quando alguém bateu à porta, sobressaltou-se e levou a mão à boca para tapar o grito inadvertido. A porta abriu-se e Eunea surgiu com um ar quase tão alarmado como o da própria Eione.

— O Estáfílo está? — perguntou.

Eione abriu a boca para dizer «não» — mas a voz falhou-lhe e não emitiu som algum. Limitou-se a abanar a cabeça.

— Sabes onde ele está? — perguntou Eunea, e Eione sentiu a voz regressar, apenas temporariamente silenciada pela solidão.

— Não. Quando cheguei, não estava ninguém em casa — respondeu ela, sentindo o rosto quente e ficando grata pela luz fraca.

— O Enopião também se foi embora — afirmou Eunea.
— Sem dizer nada.

Eione abanou a cabeça e respondeu:

— Não sei onde é que eles estão.

— Há um ataque em preparação — acrescentou Eunea, e Eione abanou de novo a cabeça.

— Mas porque haveriam de partir sem dizer nada?

As duas mulheres permaneciam na penumbra.

— Posso...? — Eunea não precisou de terminar a frase porque Eione já estava a empurrar uma cadeira baixa na sua direção.

*

No dia seguinte, tornou-se evidente que faltavam muitos homens, e todas as mulheres faziam as mesmas perguntas a si próprias e umas às outras. Os navios tinham desaparecido do porto, o que resolveu um enigma e criou vários outros. Os homens — mesmo os demasiado velhos para lutar — tinham partido para a Trácia, mas tinham-no feito de um modo desnecessariamente secreto. Assim, as mulheres fizeram o que sempre faziam quando os seus homens se ausentavam: trataram das suas casas, dos seus filhos, das suas colheitas e do seu gado, e tentaram não pensar nas lanças e flechas dos trácios a trespassar a carne dos seus amados.

Eione nunca se preocupara com Estáfilo porque ele era um homem bastante corpulento. Ninguém escolheria lutar contra ele. Possuía uma visão aguçada, os seus pés eram rápidos e não corria riscos irrefletidos. No entanto, Eione não sentia a confiança habitual no homem que saía de sua casa sem se despedir. Quando tentava alcançá-lo na sua mente, só conseguia ver aquela expressão de repulsa, um momento de afastamento tácito. E questionava-se sobre se algo teria mudado dentro de si, porque não conseguia acreditar que o homem que partira — o homem que regressaria, se os deuses assim o quisessem — seria o marido que amava.

*

Ao ouvir os gritos, soube que Enopião voltara para Eunea.

Chegara cedo a notícia de que os primeiros barcos tinham sido avistados, navegando baixos sobre as ondas, carregados de saque. Algumas mulheres dirigiram-se para o porto com os filhos, mas Eione permaneceu na colina, olhando para as velas brancas e questionando-se sobre qual delas estaria a ondular por cima da cabeça do marido. Continuou a trabalhar no seu pequeno terreno, fingindo que não estava à espera e cheia de esperança. Mas Estáfilo não regressou a casa nesse dia, nem no seguinte. E, quando voltou a abrir a porta a Eunea — que desta vez vinha

com uma nódoa negra a cobrir-lhe a face —, Eione já não teve a certeza de se importar de estar sozinha.

Além disso, não estava sozinha. As duas mulheres dividiam entre si as tarefas e a comida: em boa verdade, Eione tinha mais ovos do que conseguia comer. Sentia falta da força do marido e também do seu espírito bondoso, mas, quando Eunea lhe pediu um exemplo dessa bondade, apercebeu-se de que muitos meses haviam passado desde que vira esse lado do marido.

— Não sei quando é que deixou de existir — disse. E, ao proferir tais palavras, soube que, depois de o choque inicial do desaparecimento se desvanecer, a sua ansiedade se transformara em indiferença.

E Eunea acenou com a cabeça em sinal de reconhecimento. A ideia de que Enopião — um homem que nunca levantara a voz até àquele ano — a afastasse fisicamente da sua própria casa era inconcebível. Se tivesse recebido um oráculo um ano antes que lhe dissesse que tal iria acontecer, teria assumido que a sacerdotisa estava a mentir. Mas ali estava ela, sentada na cama da amiga, com o olho esquerdo ainda fechado devido ao inchaço. Passados alguns dias, Eunea arrastou-se até casa para tentar recolher alguns dos seus pertences mais preciosos — um colar, um anel que pertencera à mãe — e descobriu-a vazia. Correu para contar a Eione que ele voltara a partir, sorrindo de alívio. Mas não ficou em casa, com medo de que ele regressasse a qualquer momento e lhe deixasse o outro olho negro. Mais uma vez, as mulheres deram por si a questionar-se sobre o paradeiro dos homens.

*

O boato começou a circular na praça do mercado, onde o comércio e as conversas abundavam. Duas crianças tinham ido caçar para o outro lado da ilha e voltado com a notícia do acampamento dos homens. Os homens, evidentemente, não lhe davam esse nome, dizendo que se tratava da nova cidade de Lemnos,

ainda que, no máximo, fosse uma pequena povoação de tendas, com alguns abrigos. Não obstante, era ali que se encontravam os homens desaparecidos de Lemnos: haviam abandonado as suas mulheres e enviado os camaradas à Trácia com a missão de assaltarem uma cidade e roubarem as mulheres que lá encontrassem. E agora — as lémnias mal podiam acreditar — viviam com essas escravas como se fossem suas esposas, desprezando as mulheres que tinham dado à luz e criado os seus filhos. A violência, a indiferença, a crueldade, tudo isto empalidecia diante de tal humilhação pública.

Não podendo tolerar mais a situação, as lémnias foram queixar-se ao rei.

**Uma história de amor mergulhada em vingança.
Uma releitura extraordinária do mito de Medeia.**

O que vou contar é o que ninguém vos conta, nas canções cantadas sobre Jasão e o Argo. Essa parte da sua busca foi esquecida por todos — menos por mim...

Jasão e os seus argonautas zarpam em busca do velo de ouro. A jornada é repleta de perigos, para eles e para todos os que encontram. Porém, se ele chegar à terra distante que busca, enfrentará a morte quase certa.

Medeia — sacerdotisa, bruxa e filha de um rei brutal — tem o poder de salvar a vida de um estranho. Trairá ela a sua família e o seu lar? E o que exigirá em troca?

Medeia e Jasão aproveitam a sua única hipótese de uma vida juntos, como os deuses pretendem. Mas o seu amor é imbuído de vingança desde o início, e ninguém — nem mesmo os mais próximos — estará a salvo.

**«Haynes é a personificação moderna
do melhor de Homero.»**

Radio Times

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-936-0



9 789895 839360